

## LEITURA E ESCRITA NO ENSINO SUPERIOR: DOIS PROCESSOS QUE SE COMPLEMENTAM

HERBERTZ, Dirce Hechler  
PUCRS

[dhtz@hotmail.com](mailto:dhtz@hotmail.com)

VITÓRIA, Maria Inês Côrte  
PUCRS

[mvitoria@pucrs.br](mailto:mvitoria@pucrs.br)

**Palavras-chave:** Leitura. Escrita. Ensino Superior.

### Introdução

O presente estudo (em fase de desenvolvimento) problematiza e apresenta algumas reflexões acerca de experiências vividas, como docente no Ensino Superior, junto a acadêmicos em fase de elaboração de seus Trabalhos de Conclusão de Curso. O estudo tem como objetivo analisar as relações que se estabelecem entre acadêmicos cuja cultura leitora seja algo incorporado no cotidiano pessoal e profissional e acadêmicos cuja cultura leitora seja ainda restrita às leituras que a universidade solicita.

A investigação se dá com onze acadêmicas do curso de Recursos Humanos – RH de uma Faculdade da rede privada de Porto Alegre, sendo que apenas quatro referenciam a leitura. O recorte temporal abrange o primeiro semestre de 2013. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa de cunho descritivo, utilizando a entrevista semi-estruturada como instrumento para coleta de dados, os quais foram analisados à luz da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2010). Os autores que fundamentam a presente discussão se pautam em Machado, 2006; Hoffmann, 2008; Mello e Vitória, 2007).

Os resultados nos mostram que os acadêmicos consideram que, ao longo do curso, realizam poucas leituras que possam auxiliar sua escrita quando precisam escrever seu TCC. Percebem o quanto a leitura auxilia a escrita do TCC, uma vez que exemplificam esta contribuição citando o aumento de vocabulário, a familiaridade com diferentes estilos de escrita e organização frasal. Identificam a leitura como fonte importante de informação, o que auxilia na elaboração de argumentos mais consistentes no TCC, embora a maioria dos sujeitos investigados reconheçam que leem pouco. Ainda como resultado evidenciado, que os sujeitos reconhecem que a leitura por prazer praticamente não ocupa espaço no cotidiano.

Partindo destes dados, um aspecto a ser considerado é a falta de leitura por parte dos alunos, justificada por eles, pelo pouco tempo que têm devido ao trabalho e estudos. Sabe-se o quanto o tempo é restrito para todo sujeito que trabalha e busca formação acadêmica.

No contexto pesquisado, pode-se dizer que a leitura geralmente só acontece quando se trata de leitura de uma obra a qual serve para apresentação e debates teóricos no espaço da sala de aula, ou seja, leitura como tarefa a ser cumprida. Igualmente importante dizer que os sujeitos evidenciam que o fichamento, resenha ou síntese da obra nem sempre é vista e aceita, como algo produtivo, gerador de novos conhecimentos. O que pode nos levar a pensar que a cultura leitora ainda não é uma realidade mesmo em contextos de

ensino superior.

A propósito disso, segundo o Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf), divulgado em julho de 2012 pelo Instituto Paulo Montenegro (IPM) e pela ONG Ação Educativa, entre os estudantes do ensino superior, 38% dos alunos não sabem ler e escrever plenamente.

## **Metodologia**

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa de cunho descritivo, utilizando a entrevista semi-estruturada como instrumento para coleta de dados os quais foram analisados à luz da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2010). Seguindo as etapas organizadas pela autora:

- a) A pré-análise é a fase de organização propriamente dita, através da leitura flutuante e a classificação dos materiais recolhidos. É necessário que haja descarte ou ajustes dos dados obtidos nas entrevistas semiestruturadas.
- b) A exploração do material é uma “fase longa e fastidiosa, consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (BARDIN, 2010, p. 127).
- c) O tratamento dos resultados, que deixam de ser brutos a ser significativos e válidos. Nesta fase são pensadas e organizadas as categorizações. Uma determinadas a *priori*, e outras a *posteriori*, conforme dados obtidos a partir respostas das entrevistas semiestruturadas.

O estudo tem como objetivo analisar as relações que se estabelecem entre acadêmicos cuja cultura leitora seja algo incorporado no cotidiano pessoal e profissional e acadêmicos cuja cultura leitora seja ainda restrita às leituras que a universidade solicita.

Dos onze sujeitos investigados apenas quatro fazem referência à leitura. Os sujeitos desta pesquisa são oriundos do curso de RH – Recursos Humanos de uma Faculdade da rede privada de Porto Alegre, cujo recorte temporal é o primeiro semestre de 2013.

## **Resultados e discussão**

Pesquisas em educação revelam o quanto, ao longo da trajetória estudantil e acadêmica, preconiza-se a regência da oralidade (MACHADO, 2006). Concordamos com a afirmativa da autora, pois entendemos que a leitura e a escrita devem permear a vida estudantil continuamente. É essencial que o sujeito tenha prazer pela leitura e escrita que produz, pois, ao ser incentivado, sentir-se-á motivado para registrar suas ideias e intenções. Se há o desejo pela leitura, pelo aprender, sem dúvida haverá também espaço para eles. Pois “ler é quase como respirar, é nossa função essencial” (HOFFMANN, 2008, p. 140). Seria ousado atribuir à falta da escrita como uma extensão da falta de leitura? E o que dizer daqueles alunos que além de não ter o hábito da leitura, pouco participam nas discussões orais em sala de aula na academia? Seria para esses sujeitos a falta de leitura um fator onde se centra a maior dificuldade na produção escrita? Para Hoffmann (2008, p. 140) “ler é compreender os múltiplos sentidos das palavras nos textos, reconstruí-las, atribuir-lhes novos significados”. Sem a leitura as discussões pouco avançam no sentido amplo do

conhecimento. Fica-se restrito ao campo do senso comum e não se produz sequer uma escrita de cunho acadêmico-científico, o que recai sobre a escrita do TCC ao final do curso. Conforme Mello e Vitória (2007)

não basta falar da importância da leitura como ponto de ancoragem sobre o qual se assentaria uma escrita eventualmente mais qualificada, mas entendida, sobretudo, como ponto de partida para exercícios de reflexão e ressignificação de sentidos, associada, sempre, à interpretação daquilo que se lê (p. 17).

Desta forma, entende-se o quanto cabe aos cursos de formação docente um maior investimento nesse processo de ampliação da leitura e escrita por parte dos alunos. Cabe aqui ainda ressaltar a importância do papel do professor, estimular os alunos para que realizem leituras não somente para fins acadêmicos mas também como deleite. Assim sendo, possivelmente a leitura se coloca em um lugar de maior valor. Quando a leitura fizer parte da rotina dos acadêmicos, pode-se pensar que diminuirá significativamente a dificuldade na hora de registrar as idéias através da escrita. Tal fato se evidencia quando as acadêmicas, sujeitos deste estudo, ao serem questionadas sobre o que facilitou ou facilitaria a sua escrita na produção do Trabalho de Conclusão de Curso, são unânimes ao afirmar que “a leitura a fundo sobre o assunto antes de começar a escrever” ajudaria expressivamente no ato de escrever.

Nesse sentido, pode-se pensar que as acadêmicas deram-se conta da necessidade e importância que a leitura proporciona à produção escrita, pois duas afirmam que só se dedicaram à “leitura intensamente quando já estavam com a linha de pesquisa estruturada”. Mesmo sendo a temática de pesquisa por elas escolhida de acordo com suas afinidades e interesses, ainda assim encontraram dificuldades na escrita pois lhe faltava repertório e entendimento de natureza mais aprofundada.

De fato, a escrita do Trabalho de conclusão de curso requer um ordenamento de idéias melhor estruturado, pois antes de escrever é preciso pensar sobre o que vai se escrever. Uma das acadêmicas ressalta que “foi bastante trabalhoso escrever o TCC porque temos que ler muito e também escrever com uma escrita que não é habitual”. Para a quarta acadêmica, a produção de seu TCC foi “difícil, muita coisa para pesquisar em pouco tempo”. Essa fala denota o quanto os acadêmicos realmente adiam a pesquisa bibliográfica e a leitura para o momento em que não há mais como protelar o tempo. Portanto, entende-se que “é preciso, pois, que o ato de ler e escrever implique sempre percepção crítica, interpretação e ressignificação do que foi lido/escrito” (MELLO e VITÓRIA, 2007, p. 21).

### **Considerações finais**

Entende-se que o professor seja um impulsionador e incentivador nesse processo da leitura e escrita na universidade. Os alunos sentem-se mais encorajados ao saberem que alguém aposta na sua capacidade, pois muitas vezes o sujeito traz consigo uma experiência negativa com a escrita que o impede de legitimizar-se como produtor de textos.

Inúmeros são os casos de alunos na graduação, por exemplo, que têm um bom desempenho na oralidade, porém, no momento em que esta especificidade oral precisa ser transportada para a escrita costumam surgir algumas questões em geral relacionadas ao que se costuma caracterizar um bom texto: vocabulário rico e variado, estrutura formal do texto, coesão e coerência textuais.

Ao fim e ao cabo, nos faz pensar que este “silêncio” sobre a leitura no ensino superior tem um sentido e significado profundo sobre o qual há que debruçar outras investigações e análises, as quais não se esgotam nesse estudo.

## **Referências**

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Cidade: Editora, 2010. ed.atual. rev.

MACHADO, Ana M. N. A relação entre a autoria e a orientação no processo de elaboração de teses e dissertações. *In*: BIANCHETTI, Lucídio, MACHADO, Ana M. N. (org.) **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escritas de teses e dissertações**. 2.ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC; São Paulo: Cortez, 2006, p. 45-66.

HOFFMANN, Jussara M. L.. **Avaliar: respeitar primeiro, educar depois**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

MELLO, Ana M.C., VITÓRIA, Maria I. C. Textos opinativos nos concursos vestibulares: a possibilidade de conjugar os verbos ler e escrever em primeira pessoa. *In*: SMITH, Marisa M., BOCCHESI, [et al.] (org.) **(Sobre)escrevendo a redação de vestibular**. PUCRS. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, p. 12-27.